

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^ª Dr^ª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^ª Dr^ª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Dr^ª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^ª Dr^ª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^ª Dr^ª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^ª Dr^ª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^ª Dr^ª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Prof^ª Dr^ª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^ª Dr^ª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof^ª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^ª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof^ª Dr^ª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^ª Dr^ª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof^ª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Prof^ª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^ª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^ª Dr^ª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof^ª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Prof^ª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof^ª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Prof^ª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof^ª Dr^ª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Prof^ª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Prof^ª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof^ª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof^ª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof^ª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 5 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-5706-875-5
 DOI 10.22533/at.ed.755210403

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
 CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. V**, coletânea de vinte e um capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse quinto volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos em linguística; estudos sobre formação docente e ambiente escolar; e estudos sobre inclusão.

Estudos em linguística, com treze contribuições, traz análises sobre interacionismo sociodiscursivo, análise discursiva, dialogismo em narrativas orais, linguagem e direito, livro didático e gêneros textuais.

Em estudos sobre formação docente e ambiente escolar, com seis capítulos, são verificadas contribuições que versam sobre internacionalização universitária, formação docente e ensino de leitura, base nacional curricular, gestão universitária e bibliotecas escolares.

Por fim, estudos sobre inclusão, com dois estudos, aborda questões como surdez e LIBRAS.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O QUADRO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E O SIGNO SAUSSURIANO COMO ELEMENTO FUNDAMENTAL	
Barthyra Cabral Vieira de Andrade Rafaela Cristina Oliveira de Andrade Francisca Raquel Alves Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.7552104031	
CAPÍTULO 2	13
ANÁLISE DISCURSIVA EM TOADAS DE BOI BUMBÁ	
Maria Celeste de Souza Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.7552104032	
CAPÍTULO 3	26
É POSSÍVEL TEMATIZAR SABERES E PRÁTICAS JURUNA POR MEIO DE CAMPOS LEXICAIS ESPECÍFICOS?	
Iago David Mateus	
DOI 10.22533/at.ed.7552104033	
CAPÍTULO 4	38
O DIALOGISMO EM NARRATIVAS ORAIS DE MORADORES DA COMUNIDADE MACURANY, EM PARINTINS-AM	
Almiro Lima da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7552104034	
CAPÍTULO 5	52
A CRISE DA LEGITIMIDADE: ANÁLISE DO DISCURSO DE PODERES LOCAIS	
Carolline Leal Ribas	
DOI 10.22533/at.ed.7552104035	
CAPÍTULO 6	66
UMA LEITURA DA VIRGINDADE FEMININA NO ORDENAMENTO JURÍDICO CÍVIL BRASILEIRO: A (RE)CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE	
Claudia Maris Tullio Cindy Mery Gavioli-Prestes	
DOI 10.22533/at.ed.7552104036	
CAPÍTULO 7	79
TEMPO E ESPAÇO EM CARTAS ESCRITAS POR MULHERES EM SITUAÇÃO DE CÁRCERE	
Bárbara Luísa Teixeira Diniz da Fonseca Fulton Maria Eduarda Faria de Souza Cristiane Carneiro Capristano	
DOI 10.22533/at.ed.7552104037	

CAPÍTULO 8	92
CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM NAS ATIVIDADES DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DESTINADO AO 9º ANO	
Jeniffer Streb da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7552104038	
CAPÍTULO 9	110
O ANÚNCIO PUBLICITÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: DETERMINAÇÕES E REPERCUSSÕES DO PARECER CNE/CEB Nº 15/2000	
Nathalee Paloma Souza Vieira	
Shirlei Marly Alves	
DOI 10.22533/at.ed.7552104039	
CAPÍTULO 10	126
AS TIPOLOGIAS INTERTEXTUAIS NAS PERSPECTIVAS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL E DA TEORIA DOS GÊNEROS: ANÁLISES DAS CLASSIFICAÇÕES TIPOLÓGICAS NO PORTAL WEB EDUCATIVO “EDUCAÇÃO.PORTUGUÊS”	
Mirna Bispo Viana Soares	
DOI 10.22533/at.ed.75521040310	
CAPÍTULO 11	142
O GÊNERO COMENTÁRIO <i>ONLINE</i> NA ESCOLA: DESENVOLVENDO HABILIDADES PARA UMA COMPREENSÃO RESPONSIVA E ÉTICA	
Eliane Pereira dos Santos	
Maria Francisca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.75521040311	
CAPÍTULO 12	155
O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL PETIÇÃO INICIAL – UMA EXPERIÊNCIA COM SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Claudia Maris Tullio	
Cindy Mery Gavioli-Prestes	
DOI 10.22533/at.ed.75521040312	
CAPÍTULO 13	166
O GÊNERO FÁBULA COMO UMA PROPOSTA DE ENSINO DA LEITURA E INTERAÇÕES NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Antonieta Cabral da Silva	
Janailma Ramos da Silva	
Lidiane da Silva	
Maria Aparecida de Albuquerque Fernandes Ramalho	
Zilma Alves Araújo Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.75521040313	

CAPÍTULO 14	178
OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS EM LÍNGUA INGLESA NA PERSPECTIVA DA INTERNACIONALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA	
Walkiria França Vieira e Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.75521040314	
CAPÍTULO 15	200
PROFESSOR MEDIADOR DE LEITURA: A IMPORTÂNCIA E A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE LEITURA	
Vanusia Amorim Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75521040315	
CAPÍTULO 16	212
O DISCURSO DOCENTE SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO SOBRE O DOCUMENTO	
Geraldo Generoso Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.75521040316	
CAPÍTULO 17	226
AUTORRETRATO DE PROFESSORES DE INGLÊS DA ESCOLA PÚBLICA EM SANTARÉM: UMA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA	
Nilton Hitotuzi	
DOI 10.22533/at.ed.75521040317	
CAPÍTULO 18	242
O GESTOR UNIVERSITÁRIO E SEU DISCURSO	
Karina Coelho Pires	
Mercedes Fátima Canha Crescitelli	
DOI 10.22533/at.ed.75521040318	
CAPÍTULO 19	255
BIBLIOTECAS ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE IRATI - PR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	
Regina Chicoski	
DOI 10.22533/at.ed.75521040319	
CAPÍTULO 20	274
DESAFIOS PARA FORTALECER A SURDIDADE: ANÁLISE DA PROPOSTA DE REDAÇÃO ENEM-2017- QUE LUGAR OCUPAMOS NA HISTÓRIA ATUAL?	
Giovana Maria de Oliveira	
Silvana Elisa de Moraes Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.75521040320	
CAPÍTULO 21	285
TEMAS E ACESSÓRIOS PARA MEDIAÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM LIBRAS	
Alexsandra de Melo Araújo	
Márcia Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.75521040321	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	298
ÍNDICE REMISSIVO.....	299

É POSSÍVEL TEMATIZAR SABERES E PRÁTICAS JURUNA POR MEIO DE CAMPOS LEXICAIS ESPECÍFICOS?

Data de aceite: 01/03/2021

Data da submissão: 08/12/2020

Iago David Mateus

Mestre em Linguística e Língua portuguesa
pela UFCLAr (Unesp)
Araraquara-São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/6447247670734043>

RESUMO: Este trabalho é um desdobramento das investigações que foram realizadas em nosso projeto de mestrado “Estudo etnográfico e terminológico das borboletas juruna para contribuições terminográficas”, que pretende compreender o papel cultural desempenhado, para os índios juruna, pelos animais por nós conhecidos como “borboletas”, e discutir qual a melhor forma de inserir o nome desses “insetos” na microestrutura de um dicionário bilingue Juruna/Português. Para tanto, nos embasaremos na Terminologia Etnográfica elaborada por FARGETTI (2016), na Teoria Conceptual da Metáfora defendida por LAKOFF & JOHNSON (2002) e em investigações da Etnoentomologia. Temos como objetivo, neste trabalho, tecer considerações sobre as Ciências do Léxico para responder – seguindo os postulados de Fargetti (2015b)- se seria possível ou não falar na existência de áreas de especialidade entre os referidos indígenas brasileiros. Pretendemos, também, problematizar quais as modificações sofridas, em campo, durante nossa recente ida à aldeia Tuba-Tuba (próxima à BR-80, MT), pela

metodologia de coleta de dados que havíamos previamente programado e que nos permitiu chegar ao total de 500 registros fotográficos que foram identificados por um especialista da comunidade, com os termos e histórias míticas em juruna. Cabe mencionar ainda que elaboramos, por fim, definições enciclopédico-terminológicas que seriam debatidas e revisadas com os falantes nativos juruna, em uma segunda ida a campo ou em reuniões online.

PALAVRAS - CHAVE: léxico, língua juruna, borboletas.

IS IT POSSIBLE TO THEMATIZE JURUNA KNOWLEDGE AND PRACTICES THROUGH SPECIFIC LEXICAL FIELDS?

ABSTRACT: This text is a development of that investigations that have carried out in our Master's project “Ethnographic and terminological study of juruna's butterflies for terminography contributions” that intends to understand the cultural role played for the Indigenous people by animals known to us as “butterflies” to discuss how the best way to insert this “insects” into the microstructure of a Juruna/Portuguese bilingual dictionary. Our basis will be the Ethnographic Terminology elaborated by FARGETTI (2016) and the Conceptual Metaphor Theory defended by LAKOFF & JOHNSON (2012) and in investigations of Ethnoentomology. Our objective, in this text, is to elaborate considerations on the Sciences of the Lexicon to answer – following the postulates of Fargetti (2015b) - whether or not there would be areas of specialty among the Brazilian indigenous. We also intend to problematize the modifications suffered in the

field research during our recent travel to the Tuba-Tuba Indigenous village (close at BR-80, MT) by the methodology of data collection that we had previously programmed, because we were not allowed, for example, to kill the butterflies that were momentarily captured in their natural habitat with the help of the juruna people (naturally or with the help of a puçá), so that we could photograph the butterflies and then release them. Using these procedures, we have obtained 500 photographic records that were identified by a community expert, with the terms and mystical stories in juruna language. We developed terminography definitions that would be debated and reviewed with native juruna speakers on a second field research or online meetings.

KEYWORDS: Lexicon, juruna language, butterflies.

1 | INTRODUÇÃO

Na ótica de Seki (2000), as línguas e demais elementos culturais dos indígenas brasileiros não eram – até pouco tempo - estudados e/ou documentados de maneira muito sistemática e nem científica culminando num apagamento da figura do índio da cultura brasileira, até porque algumas “pesquisas” mais antigas enxergavam o índio como um mero “instrumento” fornecedor de informações (SEKI, 2000, p. 47- 48) e muitas delas não passavam de listas de palavras coletadas por geógrafos, viajantes e indigenistas (cuja notação era diversificada, inconsistente, incompleta e, por vezes, errônea).

Isso configurava uma situação problemática que se sustentava até mesmo por discursos falaciosos que divulgavam erroneamente um monolinguismo de nosso país, ignorando que, na verdade, o Brasil é majoritariamente lusófono e não monolíngue. Acresce que quando tais discursos abordavam idiomas indígenas classificavam estes últimos não como “um conjunto específico de sons, categorias e regras sistêmicas de estruturação [...] adequadas para cumprir as funções de comunicação, expressão e transmissão” (SEKI, 2000, p. 234-235) de suas comunidades de fala, mas, em vez disso e infelizmente, os rotulavam como línguas “estranhas”, “exóticas” ou “primitivas”, veiculando, assim, uma visão etnocêntrica na qual “[...] nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através de nossos valores”. (GUIMARÃES ROCHA, 1984, p. 9).

Todo esse quadro, lamentavelmente, não difere muito da imagem dos índios que é criada e veiculada atualmente pela mídia em geral, como corroboram os trabalhos de Voigt (2015), Minardi (2012) e Neves & Silva (2013), segundo os quais haveria uma falta de matérias que abordem a cultura e a história das populações indígenas. Além disso, ainda para os mesmos autores, os problemas de saúde dos indígenas e os conflitos por terras contra empreiteiras e grandes fazendeiros quase nunca apareceriam em reportagens. Ou seja, existiriam discursos que silenciam o índio enquanto sujeito empírico, primeiro porque suas necessidades são apresentadas não por membros de suas comunidades, mas por “porta-vozes” como a Igreja, o Governo e/ou instituições como a FUNAI e, depois, porque, como se fosse possível representar todas as variadas e múltiplas sociedades indígenas

brasileiras numa única imagem, acaba se criando preconceitosamente um personagem indígena genérico (normalmente descrito como violento, antropófago e “sem roupas”), que deveria se “civilizar”, em prol do “desenvolvimento do país” (NEVES & SILVA, 2013).

Além disso, Fargetti & Vaneti (2016) alertam para o papel dúbio das mídias, pois, segundo os autores, se, por um lado, elas às vezes denunciam algumas discriminações (como a racial); por outro, também acabam, em outros casos, adotando posturas preconceituosas quando, por exemplo, deixam de tratar de variedades linguísticas e de línguas específicas e de abordar questões linguísticas que, para os mesmos autores, deveriam ser debatidas. E neste último caso, a consequência imediata é uma contribuição para a falta de visibilidade de certas causas indígenas – entre elas da importância do estudo das línguas indígenas, o que corresponde, em última análise, numa tentativa de integrar forçadamente o índio na sociedade chamada “branca” (no sentido de não-indígena). Temos, em outros termos, uma política de apagamento que tem antecessores históricos tais como o Diretório dos Índios, instituído pelo Marquês de Pombal em 1755 que não só proibia o ensino concomitante entre muitas línguas indígenas e o português, como também outorgava a obrigatoriedade no uso exclusivo do idioma lusitano, além de atribuir à Língua Geral um caráter negativamente “diabólico”.

Mas, para além da mídia, de acordo com Fargetti & Miranda (2016), também é fato consumado que a diversidade linguística dos variados povos indígenas brasileiros normalmente não aparece nos materiais didáticos atuais, sendo que estes materiais ou classificam errônea e reducionalmente as línguas indígenas simplesmente como “tupis”, como se elas não se alocassem em nenhum outro tronco linguístico (além do Tupi) ou ignoram as muitas línguas indígenas ainda faladas no Brasil e apenas tratam das variedades do português de forma claramente superficial.

Na contramão desses fatos, a partir da década de 80 teria havido um aumento no número de linguistas brasileiros que passaram a se dedicar ao estudo de tais idiomas, e a formar novos especialistas – o que teria ocasionado, de acordo com Seki (2000), um aumento também na quantidade e na qualidade dos trabalhos e ao desenvolvimento de estudo desses idiomas com respaldo teórico-metodológico adequado.

Entre esses linguistas encontra-se o nome da Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti, que desde 1989, vem estudando, analisando e descrevendo cientificamente a língua juruna, do tronco tupi, falada pelo povo juruna do Mato Grosso, no Xingu. Aliás, é digno de nota que essa mesma pesquisadora é autora de diversos projetos, dentre eles o que se intitula “Uma proposta de obra lexicográfica para os juruna/yudjá do Xingu”, projeto contemplado com verba do Edital Universal do CNPq, em novembro de 2013. Tal projeto – além de possuir relevância para estudos histórico-comparativos, lexicográficos e para a Linguística Geral - objetiva confeccionar a primeira versão, impressa e digital, do primeiro dicionário juruna-português, de estrutura temática (abrangendo os campos de aves, grandes mamíferos, sapos, plantas, alimentação, parentesco, cultura material e música). Inserida no Grupo

LINBRA (Grupo de Pesquisas de Línguas Indígenas Brasileiras-CNPq) da FCLAr (Unesp), esta pesquisa já teve resultados anteriores que contribuem para a discussão sobre os estudos do léxico de línguas indígenas, ora fazendo metalexiconografia, ora analisando aspecto do léxico de uma língua específica, ora propondo aplicação lexicográfica/terminográfica, e também apontando caminhos metodológicos novos.

Por outro lado, a despeito dos avanços comentados anteriormente, não se pode ignorar a situação vulnerável na qual estão muitas línguas indígenas brasileiras, haja vista que muitas têm um número muito reduzido de falantes e encontram-se, infelizmente, em situação de eminente desaparecimento.

Ao lado disso, não se pode ignorar também, como coadunam Corbera Mori (2013) e Seki (1999; 2000) a relevância científica (no que concerne à possibilidade de melhor compreensão da natureza da linguagem humana e de adaptações em certos modelos linguísticos que se mostrarem limitados ao serem confrontados com idiomas indígenas) e social (resposta às comunidades indígenas envolvidas nas pesquisas, por meio de medidas práticas como materiais didáticos para escolas indígenas) dos estudos da área.

Nesta esteira, o projeto “Estudo etnográfico e terminológico das borboletas juruna para contribuições terminográficas” além de dialogar com pesquisas realizadas sobre línguas brasileiras, pode permitir que a língua juruna continue a ser documentada (em dicionários, livros didáticos, gravações) e descrita, o que é valorizado inclusive por seus próprios falantes, haja vista que a população juruna, embora tendo tido aumento nos últimos anos (FARGETTI (2015a)), é reduzida, e corre risco de perda linguística pela possibilidade de substituição paulatina pelo português, que, no Xingu, é a língua franca, de contato.

Em outros termos, nossa pesquisa justifica-se não apenas por seu ineditismo, mas também pela contribuição que pode gerar ao projeto maior “Uma proposta de obra lexicográfica para os juruna/yudjá do Xingu”, em virtude de pretender posteriormente discutir, baseando-se nos papéis culturais desempenhados pelos animais interpretados por esses indígenas brasileiros como “borboletas”, de que maneira esses insetos (para usar uma classificação de nossa biologia) poderiam constar como verbetes num dicionário bilíngue.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Aporte Teórico

Para cumprir os objetivos da pesquisa comentados anteriormente, foi necessária uma abordagem interdisciplinar que estabelecesse relações com algumas áreas do saber. Desta sorte, embasamo-nos, sobretudo, nos aportes de estudos da área da Etnoentomologia, na Teoria conceptual da metáfora, defendida por Lakoff & Johnson (2002) e na Terminologia Etnográfica (doravante TE), elaborada por Fargetti (2016).

A primeira dessas três áreas é definida por Costa Neto (2004) como: “[...] estudo de como os insetos são percebidos e utilizados pelas populações humanas” (COSTA NETO, 2004, p. 119). Sua relevância para a pesquisa em questão advém da noção de que cada povo pode recortar o mundo à sua maneira e utilizar critérios distintos para agrupar os seres vivos em classes. Assim, os diferentes povos podem perceber e agrupar numa mesma classe animais que nossa Biologia atual distingue, separa em táxons diferentes e, conseqüentemente, nomeia por meio de itens lexicais distintos.

Já com relação à Teoria conceptual da metáfora, pode-se dizer que ela também é utilizada por linguistas brasileiros, como Abreu (2010), segundo o qual a metáfora seria uma transposição de características de domínio de origem para um domínio alvo, em cuja base está um processo de *blending* (também chamado de mesclagem ou integração conceptual) que promove insights, originados da aproximação entre coisas e eventos feita por nossa mente. Para Abreu (2014), toda representação indica uma integração perceptual entre o que é representado e o meio de representação. É isso que ocorre “quando ouvimos os sons de uma palavra e atribuímos a ela um sentido, estamos fazendo uma integração conceptual entre som e sentido” (ABREU, 2014, p. 27).

Quando alguém diz, por exemplo, que “Seu filho é um capeta”, pode-se afirmar que se colocaram dois conjuntos – o conjunto A do *filho* e o B composto pelo elemento *capeta* – em condição de igualdade, por meio de uma integração conceptual entre a idéia de capeta e a idéia de filho. Características deste (que comporiam um espaço chamado de *Input 1*) e as daquele (*Input 2*) teriam sido transferidas a um *espaço genérico* e, posteriormente a um espaço *blend*. Entretanto, ao *frame* de filho não se aplicam elementos do *frame* de capeta como ‘forma demoníaca’, ‘tem rabo’, ‘tem chifre’ e ‘vive no Inferno’. Esses últimos elementos são, portanto, “desintegrados”, “desabilitados” (segundo ABREU, 2013, p. 243-244), ficando o espaço *blend* restrito a uma espécie de área de intersecção entre A e B, como se vê a seguir:

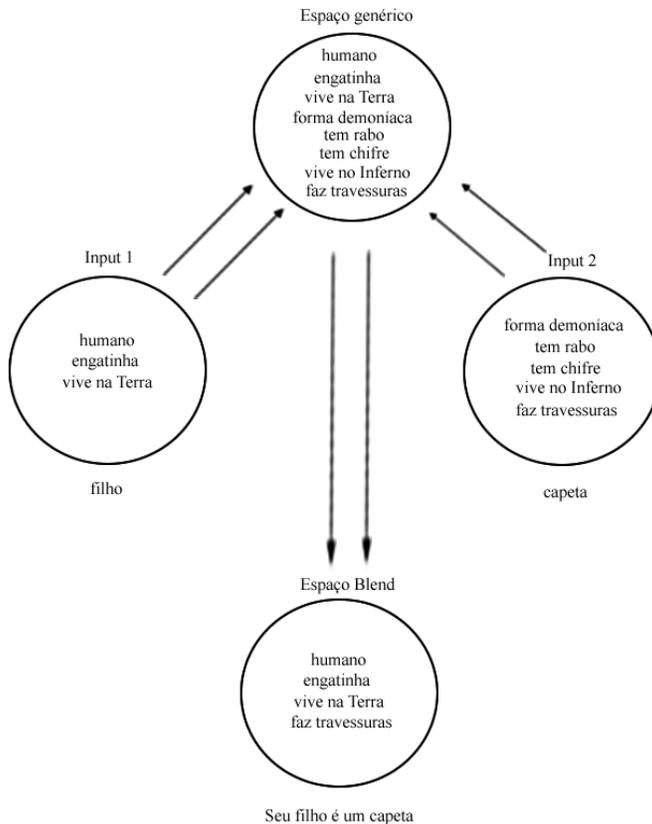


Figura 1: Esquema *de blend*

Fonte: Elaboração própria

Utilizando esquemas como esse, pretendemos problematizar a questão da existência da metáfora e como ela é compreendida na cultura juruna. Ou seja, pretendemos descobrir se haveria, na ótica dos juruna, algo de metafórico nas histórias sobre ‘borboletas’ e por que. Afinal:

[...] as metáforas são elementos culturais que fazem sentido dentro das sociedades em que ocorrem e não deveriam ser impostas por outsiders, que somos nós, os caraíbas, dizendo que partem do pensamento da outra cultura. Partem mesmo? Ou o pensamento do outro nunca foi metafórico?” (FARGETTI, 2015a, p. 103).

Apesar de ainda não termos respostas completamente conclusivas com relação a estas questões, nossa ida à aldeia Tuba Tuba mostrou que muitos dos nomes em juruna para as partes do corpo das “borboletas” mostram-se os mesmos das partes do corpo humano. Assim, num primeiro momento, levantamos a hipótese de que os itens lexicais nomeadores desses “insetos” seriam, na verdade, metáforas que teriam o corpo humano

como base.

Tal hipótese, contudo, após debates com nossa orientadora e com a coleta de mais informações, se mostrou errônea, uma vez que, na verdade, esses nomes são os mesmos para todos os animais, de tal forma que não podem ser considerados como metafóricos apenas entre o domínio da classe dos humanos e o domínio dos animais estudados. Explicando um pouco melhor, a situação encontrada é similar ao caso da nomeação portuguesa da glândula anexa ao tubo digestivo responsável por secretar bile e transformar glicogênio em glicose. Tanto para homens, quanto bovinos, suínos e demais animais essa mesma glândula se denomina ‘fígado’. Portanto, o ‘fígado de boi’ não seria, por exemplo, uma metáfora a partir do ‘fígado do homem’ porque esse elemento é utilizado também em outros espécimes.

Resta-nos, por fim, falar da TE. Mas, para isso, vamos primeiramente discorrer sobre o grande campo das ciências do Léxico, no qual a TE pode ser alocada. Este campo abarcaria áreas de estudos mais teóricas e outras mais práticas.

Por um lado, o “estudo científico do léxico, mais especificamente das palavras de uma língua” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 43) também chamado de Lexicologia, por exemplo, teria como contraparte aplicada a descrição e análise crítica e/ou confecção de obras lexicográficas conhecida como Lexicografia (SILVA, 2006).

Por outro, a área que tem como objeto de investigação o termo e que se ocupa “[...] do componente lexical especializado ou temático dos sistemas linguísticos” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p. 43), não só se denomina Terminologia, como também tem como “face aplicada” a Terminografia (“voltada à produção de glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados” (idem, *ibidem*)).

Feitas essas ressalvas, pode-se entender porque Fargetti (2016), após muitos anos de reflexão sobre metodologias adequadas para o estudo de línguas minoritárias como línguas indígenas, denominou os estudos por ela encabeçados e propostos de “Terminologia” Etnográfica. Para a autora, em pesquisas da área, seriam necessárias a gravação do conhecimento tradicional (seja em áudio ou vídeo) e posterior transcrição, num verdadeiro diálogo entre especialistas: entre um linguista e alguém da comunidade em questão conhecedor do tema em estudo e que seja indicado e autorizado pela própria comunidade a falar sobre esse assunto.

Na ótica da referida linguista, seria possível falar em Terminologia para o estudo do léxico das línguas indígenas brasileiras, pois:

Apesar de reconhecer esse caráter um tanto holístico dos conhecimentos indígenas, a autora não concorda com o posicionamento de que esses saberes sejam “não-científicos” e completamente indivisíveis, primeiro porque nossa orientadora questiona a existência de uma Ciência Universal (em vez disso, ela fala em “ciências”) e segundo porque, em sua opinião, haveria línguas de especificidade entre esses saberes indígenas (tão relevantes quanto os nossos), pois há pessoas nessas comunidades que são

especialistas em plantas medicinais, outros são profundos conhecedores dos mitos e danças, outros das aves, plantas comestíveis, outros da música e assim sucessivamente. E é exatamente por isso que a pesquisadora considera que o estudo de âmbitos temáticos específicos dessas “ciências” indígenas torna possível se pensar numa subárea da Terminologia por ela denominada “Terminologia Etnográfica” [...] Mas diferente da posição da Teoria Geral da Terminologia de Wüster, que postula a monossemicidade do termo, alocando-o assim fora das línguas naturais, Fargetti (2015) [...] aproxima-se mais da Teoria Comunicativa da Terminologia de Cabret, no que concerne à “polissemia constitutiva” do termo, segundo a qual os termos seriam sim integrantes da língua geral, embora possam adquirir um sentido distinto das palavras, quando inseridos em dado contexto específico. [...] Para estudos sobre o léxico que culminem em propostas lexicográficas, a TE não verá outra possibilidade senão descrições culturais detalhadas das entradas, até porque entre línguas diferentes não há sinônimos perfeitos, como comprovam “pele” e “peau”, visto que, se a segunda em francês tem também o traço de ‘revestimento de vegetais ou frutos’, esse traço só existe na primeira em construções metafóricas, tendo em vista que em português costuma se exprimir esse pensamento como “casca de uma determinada fruta”. (MATEUS, 2017, p. 27-28).

Seguindo esses postulados, a partir dos dados coletados em nossa ida a campo, pretende-se preparar definições enciclopédicas-terminológicas que serão futuramente debatidas e revisadas com os falantes nativos.

3 | METODOLOGIA

Fomos a campo preparados para coletar espécimes dos animais presentes na aldeia, de acordo com os pressupostos da nossa ciência biológica atual que postulam a necessidade de coletar insetos e alfinetá-los em pranchas, antes de acondicioná-los em caixas com bicarbonato de sódio e naftalina.

Contudo, não foi possível realizar tais procedimentos, uma vez que a comunidade indígena vetou a possibilidade de abater quaisquer desses animais, em decorrência do papel que eles desempenham, na ótica juruna, na manutenção da ordem em nosso planeta. Aliás, cabe mencionar que, como atesta Fargetti (2015a, p. 103), a Terra, para os referidos indígenas, é um grande quadrilátero que possui, em duas de suas arestas, dois grandes sapos que sustentam o céu. Acresce que tal espaço celeste também é sustentado por uma árvore que tem sua embira constantemente renovada por uma dessas ‘borboletas’. Por isso, seria altamente perigoso abater qualquer uma delas.

Essa restrição por parte da comunidade juruna fez com que procedêssemos à busca de tais “borboletas” em seu habitat natural, na companhia de jurunas que momentânea e manualmente (e/ou com o auxílio de um puçá) as capturavam para registro fotográfico e, em seguida, as libertavam.

As fotos foram posteriormente apresentadas a um especialista da comunidade que nos informava a identificação em juruna dos animais nelas registrados, e apresentava

também histórias míticas sobre eles.

4 | CONCLUSÃO

Utilizando a metodologia comentada anteriormente, pudemos coletar histórias tradicionais e cerca de 500 imagens. Contudo, nem todas são de borboletas diferentes, porque para garantir uma melhor visualização de um mesmo espécime, o fotografamos mais de uma vez.

De qualquer modo, pudemos verificar que, de modo geral, os falantes juruna não especialistas na área tendem a usar um único item lexical para identificar todos os animais que nós classificamos como ‘borboletas’. Contudo, o especialista apresenta 3 denominações diferentes para o que ele denomina de ‘animais aparentados, mas distintos’, uma vez que apresentam, segundo ele, tamanhos, funções e papéis cosmológicos diferentes. Tal situação mostra-se de certo modo similar ao nosso próprio caso, na medida em que os usuários do léxico geral do português e não especialistas tendem a chamar todos os insetos lepidópteros providos de antenas e asas com escamas de ‘*borboletas*’, ao passo que entomólogos utilizam termos específicos para denominar as sub-ordens e famílias, sendo que muitos deles estão em latim e são desconhecidos dos usuários gerais da língua.

Como pretendíamos fazer verbetes terminológicos e não lexicográficos (por versarem sobre uma área de conhecimento específico e não sobre o léxico geral da língua), foram essas três denominações do especialista juruna que apareceram em nossa dissertação.

Resta comentar, por fim, sobre a comunidade evitar maltratar ‘borboletas’. A nosso ver, isso se deve ao fato de os não-especialistas parecerem não conseguir distinguir especificamente estes animais e os perigos que os maus-tratos a eles podem trazer ao homem. Já foi dito que um desses animais tem estreita relação para que se evite a queda do céu. Matá-lo, portanto, seria tirar um protetor e contribuir com a queda celestial. Mas, para além disso, outro desses insetos que nós denominamos como ‘borboleta’ pode, se maltratado, causar doenças e até mesmo a morte de seu agressor e uma outra – na ótica do especialista juruna- tem uma baba descrita como venenosa, de modo que a comida e/ou água tocadas por ela, tornam-se impróprias para consumo humano:

De qualquer modo, as entrevistas e demais procedimentos realizados possibilitaram dados que apontam para o fato de que o simbolismo geral por trás das “borboletas” é, entre os referidos indígenas brasileiros, distinto daquele da sociedade não-indígena de modo geral. Para além do fato de que os aspectos de ‘ser delicada’, ‘ser fugidia’ parecer não ser tão relevante, frente, inclusive, aos aspectos potencialmente perigosos desses animais.

Acresce que os critérios de sub-classificação também não são equivalentes. Enquanto nossa biologia fixa o olhar para as nervuras da asa, tipos de antenas e outras questões de formas imaturas, os aspectos relevantes para distinção

na perspectiva de um especialista juruna não passam pelas lagartas, ficando entre tamanho, potencial de vôo, a origem do animal (que implica na dicotomia *do céu X da terra*) e sua importância cultural (se é ou não um “trabalhador” e carregador de embira ou apenas um sugador de seiva).

Aliás, o que nós categorizamos como um único ser, os juruna identificam como cinco entes distintos com proximidade parental. É interessante notar que, nos itens lexicais usados para nomear esses espécimes, há processos de reduplicação. Para eles, haveria as *nasusu*, as *kamaperuperu* e as *yahaha* (mais ou menos comparáveis ao que nós denominamos de ‘mariposas’). (MATEUS, 2019, p. 139)

Em resumo, os critérios especializados de classificação juruna e os de nossa sociedade para “borboletas” poderiam ser esquematizados da seguinte forma:

Âmbito	Denominações juruna		
Sistema	Nasusu		<ul style="list-style-type: none"> • Tamanho • Potência esperada de voo (ser forte ou fraco) • Função cosmológica • Onde são encontradas/ origem/ hábitos de voo
Conhecimento especializado	Nasusu	Do céu	
		Da Terra	
	Kamaperuperu		
	Yahaha	do céu	
da Terra			

<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade não-indígena • ‘Borboleta’ 	<ul style="list-style-type: none"> • Juruna • Nasusu <ul style="list-style-type: none"> • Do céu • Da Terra • Kamaperuperu • Yahaha <ul style="list-style-type: none"> • Do céu • Da Terra
---	--

Figura 2: Critérios de distinção juruna para “borboletas” e classificação ocidental

Fonte: elaboração própria

Uma última questão a apontar é que os protótipos de verbetes redundam em mais uma contribuição futura deste trabalho ao dicionário que vem sendo desenvolvido por Fargetti. Mas, tais protótipos precisam antes ser revisados pela comunidade juruna, na medida em que não podemos simplesmente adicioná-los à obra lexicográfica final como verbetes sem o aval e confirmação dos nativos falantes juruna e do especialista indicado por eles.

Nessa esteira, a revisão dos verbetes acabou ficando para uma pesquisa futura, haja visto que não houve verba nem tempo disponível para uma outra ida a campo.

De qualquer modo, para responder a pergunta que intitula este artigo, esperamos ter demonstrado que há sim campos específicos de conhecimentos juruna e esperamos também ter ficado clara a visão dos referidos índios brasileiros quanto aos animais chamados por nós não indígenas como “borboletas”, já que era esse o nosso campo de especialidade lexical.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. 119 p.

_____. Integração perceptual na descrição de fenômenos gramaticais do Português. **Alfa**, São Paulo, 57 (1), p. 229-253, 2013.

_____. Esquemas de imagem e integração conceptual como fatores de gramaticalização em sintaxe. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 25-41, 2014.

CORBERA MORI, A. H. Teses e Dissertações sobre línguas indígenas apresentadas no Instituto de Estudos da Linguagem (IEI-UNICAMP): 1977-2008. **Liames** (UNICAMP), v. 7, p. 109-123, 2008.

COSTA NETO, E. M. Estudos etnoentomológicos no estado da Bahia, Brasil: uma homenagem aos 50 anos do campo de pesquisa. **Bioternas**, 17 (1), 2004, p. 117-149

FARGETTI, C. M. Qual pode ser o alcance de uma metáfora? **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Volume 7, Número 1, Julho de 2015a. p. 101-111.

_____. **Estudios del léxico de lenguas indígenas**: ¿terminología? 2015b (no prelo).

_____. Faculdade de Ciências e Letras – Unesp: Araraquara, SP. jul.- dez. 2016. Aulas ministradas aos pós-graduando matriculados na disciplina “Terminologia Etnográfica”.

FARGETTI, C. M. & MIRANDA, T. G. Plurilinguismo: a diversidade que não é abordada nos livros didáticos. **Revista Letras Raras**, vol. 5, Ano 5, nº 3, 2016. p. 79-88.

FARGETTI, C. M. & VANETI, L. L. Políticas linguísticas e a mídia. **Revista Letras Raras**, vol. 5, Ano 5, nº 3, 2016. p. 9-24.

GUIMARÃES ROCHA, E. P. **O que é etnocentrismo?** Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

KRIEGER, M. da G. & FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, G.; M. JOHNSON. 2002 [1980]. **As metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras/EDUC.

MATEUS, I. D. *Entre concertos e desconcertos: Dicionários de línguas indígenas brasileiras em (des)compasso com o campo lexical da música*. Monografia de Graduação. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2017.

_____. Entre o céu e a terra há mais coisas do que sonha nossa vã perspectiva: um voo panorâmico (com e) pelas 'borboletas' juruna. Dissertação de mestrado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2019.

MINARDI, D. Mídia e Representações Sociais Indígenas: Caso do ataque ao acampamento Guarani Kaiowá. In: *Anais III Conferência Sul-Americana/ VIII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã*. Unicentro, Brasília, 2012.

NEVES, I. dos S. & SILVA, V. L. Análise discursiva e da imagem dos indígenas que foram veiculados no jornal O Liberal nos anos de 1990 e 2011. Trabalho apresentado no *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013*.

SEKI, L. A Lingüística indígena no brasil. *Delta*, vol. 15, n.º especial, 1999.

_____. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI, *Revista Impulso*, v. 1, nº 27, Piracicaba, 2000. p. 233-256.

SILVA, M. C. P. da. Lexicografia bilíngüe: uma verificação dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês. In: LONGO, B. N. de O. & SILVA, B. C. da. (org.) *A construção de dicionários e de bases de conhecimento lexical*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

VOIGT, J. K. Índios, mídia e questões de representação. *Revista Advérbio*, 2015, V.10, N. 20, p. 35-44.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Discursiva 5, 6, 13, 19, 20, 24, 37, 244

Artes 2, 5, 210, 242

B

Biblioteca 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 272

C

Cárcere 6, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88

Comentário online 7, 142, 143, 147, 148, 150, 153

D

Desafios 8, 14, 73, 178, 179, 181, 182, 191, 192, 210, 211, 227, 255, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280

E

Espaço 6, 15, 20, 30, 33, 43, 52, 54, 59, 62, 64, 67, 70, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 119, 120, 121, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 156, 173, 201, 204, 208, 220, 235, 236, 243, 252, 256, 257, 261, 262, 263, 264, 265, 268, 269, 272, 277, 279, 281, 292, 294, 295, 296

F

Fábula 7, 166, 167, 173, 174, 175, 176, 177

Formação Docente 5, 8, 196, 200, 205, 225

G

Gêneros Textuais 5, 9, 11, 50, 118, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165, 177, 178, 190, 191, 193, 195, 196, 197, 298

Gestor 8, 242, 244, 252

I

Identidade 6, 5, 41, 48, 49, 59, 61, 66, 68, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 86, 180, 207, 226, 229, 240, 242, 243, 244, 245, 247, 253, 254, 282, 290, 292, 298

Interacionismo Sociodiscursivo 5, 6, 1, 2, 5, 12, 157, 158, 160

Internacionalização 5, 8, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 191, 192, 194, 196, 198

J

Juruna 6, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37

L

Letras 2, 5, 11, 12, 14, 22, 36, 50, 78, 89, 108, 154, 164, 165, 172, 192, 197, 206, 207, 208, 209, 224, 236, 241, 242, 245, 256, 257, 261, 262, 271, 274, 283, 284, 296, 298

Libras 5, 8, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 282, 283, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 295, 296

Língua Portuguesa 7, 7, 26, 92, 93, 94, 107, 108, 110, 114, 115, 118, 119, 122, 126, 127, 131, 141, 166, 173, 177, 184, 200, 201, 205, 206, 208, 210, 211, 252, 256, 296, 298

Linguística 2, 5, 7, 1, 2, 3, 8, 11, 12, 15, 26, 28, 29, 36, 56, 72, 73, 88, 126, 127, 128, 136, 140, 144, 145, 150, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 170, 180, 184, 185, 192, 196, 214, 218, 244, 254, 281, 282, 284, 298

Livro Didático 5, 7, 92, 94, 99, 100, 104, 107, 108, 114, 117, 118, 121, 123, 272

M

Mediação 8, 5, 6, 11, 98, 201, 204, 261, 284, 285, 286, 288, 290, 292, 294, 295, 296, 297

N

Narrativas Oraís 5, 6, 38, 39, 46, 49

P

Perspectivas 2, 5, 7, 8, 16, 20, 78, 88, 92, 93, 94, 104, 107, 126, 140, 152, 158, 173, 176, 198, 231, 234, 255, 282

Petição Inicial 7, 155, 157, 160, 161, 162, 163, 164

Professor 8, 2, 3, 96, 98, 99, 107, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 161, 163, 166, 171, 172, 173, 176, 200, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 216, 219, 220, 222, 224, 226, 227, 228, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 247, 252, 260, 261, 262, 267, 268, 298

S

Saberes Científicos 2, 5

Saberes e Práticas 6, 26

Signo 6, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 38, 39, 40, 41, 43, 49, 144, 145, 257

Surdez 278, 279, 280, 284

T

Tempo 6, 7, 10, 22, 27, 36, 40, 43, 44, 47, 59, 60, 61, 67, 68, 70, 72, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 113, 157, 159, 160, 163, 173, 174, 180, 201, 204, 205, 216, 232, 234, 235, 240, 242, 246, 247, 248, 252, 260, 261, 262, 263, 266, 268, 292

Toadas 6, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 24

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 